

**Para fazer Mutyrão:**  
rastros, restos e resíduos de performances,  
políticas e pedagogias co-imaginadas

Denise Pereira Rachel, Diego Alves Marques, Barbata Kanashiro Mariano

## **Para fazer Mutyrão: rastros, restos e resíduos de performances, políticas e pedagogias co-imaginadas**

## **To make Mutyrão: traces, remains and residues of co-imagined performances, policies and pedagogies**

Denise Pereira Rachel<sup>1</sup>,

Diego Alves Marques<sup>2</sup>,

Barbara Kanashiro Mariano<sup>3</sup>

---

1. Doutora em Arte e Educação pelo PPGA-IA/UNESP. Mestre em Arte e Educação pela UNESP. Graduada em Educação Artística - Habilitação em Artes Cênicas pela UNESP. Integrou o Grupo de Pesquisa Performatividades e Pedagogias. Atuou como docente no curso de Pedagogia da UniCeU/Unesp. Professora de artes na rede municipal de ensino de São Paulo e integrante do Coletivo Parabelo. E-mail: deniserachel80@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9008-322X>.

2. Bacharel em Comunicação das Artes do Corpo pela PUC/SP. Mestre em Artes pelo Instituto de Artes da UNESP. Integra o Grupo de Pesquisa Laboratório de Dramaturgias do Corpo - LADCOR. Doutorando em Artes Cênicas pelo PPGAC da ECA-USP. Performer, professor e pesquisador integrante do Coletivo Parabelo. E-mail: diegoalvesmarques@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1971-695X>.

3. Graduada e Licenciada em Artes Visuais pela ECA-USP. Mestranda em Artes Visuais pelo PPGAV da ECA USP. Integrou o Grupo de Pesquisa de Arte Conceitual e Conceitualismos no Museu. É performer integrante do Coletivo Parabelo e professora de artes na rede municipal de São Bernardo do Campo. E-mail: barbara.kmariano@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1409-3781>.

**Resumo:**

Este artigo propõe o exercício de recolher, reunir, republicar os rastros, restos e resíduos provenientes da experiência com os Mutyrões de Imaginação Performativa, Política e Pedagógica, propostos pelo Coletivo Parabelo durante o segundo semestre de 2019. Para tanto, reúne notas publicadas quinzenalmente nos Boletins Imaginários, que consistiram em uma publicação digital e impressa sob demanda referente à realização de cada encontro. Ao recolher, reunir e republicar estas notas, podemos compreender de que modo o gesto de fazer mutyrão evoca a experimentação da prática da Co-imaginação (LEPECKI apud CRUNTEANU, 2016). Neste caso, tal prática de co-imaginação está diretamente relacionada ao questionamento de concepções consolidadas a respeito do que faz de uma/e/um professora/e/or uma/e/um professora/e/or, de uma aula uma aula e de uma escola uma escola, em contextos vinculados à escola pública, à universidade pública e ao espaço público na cidade de São Paulo.

**Palavras-chave:** Aula Performática. Co-Imaginação. Mutirão.

**Abstract:**

This article proposes the exercise of collecting, assembling, republishing the traces, remains and residues resulting from the experience with the Mutyrões of Performative, Political and Pedagogical Imagination proposed by Coletivo Parabelo during the second semester of 2019. For this purpose, it gathers notes published fortnightly in the Imaginary Bulletins, which consisted of a digital and printed publication on demand for each meeting. By collecting, assembling and republishing these notes, we can understand how the gesture of making mutyrão evokes the experimentation of the practice of Co-imagination (LEPECKI apud CRUNTEANU, 2016). In this case, such a practice of co-imagination is directly related to the questioning of consolidated conceptions about what makes a teacher a teacher, a class a class and a school a school, in contexts linked to public school, public university and public space in the city of São Paulo.

**Keywords:** Performatic Class. Co-Imagination. Joint effort.

## Impulsos pedagógicos: o que aconteceria se transformássemos em um problema para a imaginação aquilo que faz “de uma aula uma aula”?

O que aconteceria, se transformássemos em um problema para a imaginação aquilo que faz de uma/e/um professora/e/or uma/e/um professora/e/or, de uma aula uma aula, ou ainda, no limite, de uma escola uma escola? Foi na tentativa de conviver com questões como essa que o Coletivo Parabelo<sup>4</sup> propôs o que denominamos Mutyrão de Imagem Performativa, Política e Pedagógica: uma ação performática, política e pedagógica realizada em diálogo com escolas, universidades e espaços públicos, durante o segundo semestre de 2019. Os Mutyrões se propuseram a acionar uma certa mobilização coletiva para a auto-organização de um espaço tempo em que performadoras/es, professoras/es e pesquisadoras/es pudessem exercer uma espécie de *Impulso Pedagógico* (BISHOP, 2012), isto é, a abertura de espaços tempos na e pela imaginação coletiva de *Aulas Performáticas* (RACHEL, 2014), ao tentar afastar-se da premissa do que convencionalmente chamamos educação pela arte e aproximar-se da prerrogativa do que chamaremos aqui de arte como educação<sup>5</sup>.

Em linhas gerais, a ideia de arte como educação diz respeito à possibilidade de experimentar desestabilizações das separações entre criação artística, ação política e processo educativo em um contexto específico. Nesse sentido, cabe ressaltar que, etimologicamente, o termo mutirão provém do tupi *mutyro*, e pode ser traduzido para o português justamente como «trabalho em comum». Embora em um primeiro momento tenha sido empregado para designar trabalhos realizados em áreas rurais e suburbanizadas, em prol do benefício de todas/es/os as/es/os envolvidas/es/os, atualmente, o termo mutirão é utilizado em referência a qualquer iniciativa coletiva não-remunerada desenvolvida para o bem comum. Também tem sido empregado, reiteradamente, no âmbito das redes sociais, por exemplo, quando um grupo de usuários se auto-organiza *online* para dar visibilidade a uma *hashtag* sobre as mais diversas pautas; para fazer *streaming* de algum produto disponibilizado em plataformas digitais (uma música, um vídeo, um filme, etc.); ou até mesmo para votar pela eliminação, continuidade ou premiação de participantes de determinado *reality show*.

Em nosso caso, o Mutyrão de Imagem Performativa, Política e Pedagógica propôs a experimentação daquilo que o “performeiro”<sup>6</sup> mexicano Guillermo Gomez-Peña tem chamado de *Ativismo Imaginário* (GOMEZ-PEÑA, 2017), ao acionar processos de imaginação em arte como educação nos e pelos quais experimentamos práticas performáticas político-pedagógicas que preconizam um fazer *com* em detrimento de um fazer *para*, no intuito de

4. O Coletivo Parabelo é um coletivo de performance que realiza há dezesseis anos uma pesquisa continuada, a respeito das relações entre corpo, performance e cidade através da chave da arte como educação. Atualmente, é composto por Bárbara Kanashiro, Denise Rachel e Diego Marques. Para mais informações sobre o Coletivo Parabelo, acesse: <https://www.coletivoparabelo.com/>.

5. Para uma maior compreensão acerca da abordagem da arte como educação, vide Podesva (2007).

6. Termo cunhado por Gomez-Peña como uma maneira de contestar o anglicismo da denominação *performer*, aproximando-a de idiomas latinos como no espanhol “*performero*”. Neste caso, traduzimos para o português como “*performeiro*”.

destravar nossa imaginação performativa, política e pedagógica coletiva. Para tanto, durante o Mutyrão tentávamos tatear o que delimitava as fronteiras entre aquilo que aparentava ser desejável e aquilo que parecia ser intolerável nos nossos modos de fazer arte, nos nossos modos de fazer educação e nos nossos modos de fazer o cotidiano, compreendendo tais modos de fazer como uma espécie de trabalho de imaginação.

A partir dessas premissas, o Mutyrão de Imagem Performativa, Política e Pedagógica previa a realização de encontros quinzenais, concebendo uma rede de coletivização de saberes e práticas performáticas pedagógicas por meio do estabelecimento de canteiros de trabalho imaginários, que operavam através de três princípios elementares: ajuda mútua, compartilhamento de tarefas e rodízio de função. Dessa forma, o Mutyrão pôde experimentar antes um certo impulso, do que uma determinada finalidade pedagógica de caráter instrumental, ao ser mobilizado por pelo menos três linhas de força imaginárias, *Plantações de Memórias Autoetnográficas*, *Desejos de Rua Transpedagógicos*<sup>7</sup> e *Táticas Afetivas Anarcadêmicas*<sup>8</sup>. Essas são linhas específicas e relacionadas entre si, situadas no trânsito entre o ensino superior e básico, pois estabelecem diálogos entre a escola pública, a universidade pública e o espaço público na cidade de São Paulo, tal qual demonstraremos mais adiante.

Por ora, cabe apontar que o Mutyrão teve como mote *Criar + Educar = Sem Norte*, investigando de que forma artistas, educadoras/es e teóricas/ques/os latino-americanas/es/os têm nos ajudado a resolver a equação arte e educação, a fim de transformá-la em um problema para a imaginabilidade, sem qualquer compromisso com imperativos técnicos instrumentais, como a implementação de modelos, projetos, planejamentos etc. Em um período no qual o país já se encontrava mergulhado em ambiente dominado pelo apelo ao retrocesso às tradições frequentemente autoritárias, o Coletivo Parabelo apostou no Mutyrão como um modo de exercitar a imaginação coletiva; a fim de desafiar as caricaturas do artista vagabundo e do professor doutrinador, desenhadas pelos ideólogos de base conservadora, cujo principal objetivo é consensualizar a opinião pública sobre o atual estatuto da arte e da educação no Brasil.

Dessa maneira, através de divulgação pelas redes digitais das/es/os integrantes e do próprio coletivo informando a proposta geral, o público-alvo e o número de vagas, o Coletivo Parabelo realizou uma pré-seleção das/es/os participantes, mediante inscrição prévia feita via *e-mail*.<sup>9</sup> A partir da análise de carta de apresentação e interesse, optou-se por acolher professoras/

7. A linha imaginária Desejos de Rua Transpedagógicos ocorreu mediante a realização dos chamados Erratórios, como parte da pesquisa de doutorado desenvolvida por Diego Marques, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dra. Maria Helena Franco de Araujo Bastos, no PPGAC da ECA/USP, com bolsa de pesquisa referente ao processo 2018/18812-5, concedida pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

8. A linha imaginária Táticas Afetivas Anarcadêmicas foi desenvolvida como parte da pesquisa de mestrado em andamento de Bárbara Kanashiro, intitulada «Coletivo Parabelo: uma Escola de Artista Imaginária», sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dra. Dália Rosenthal, no PPGAV da ECA/USP.

9. As vagas eram gratuitas e os custos de realização da ação foram autofinanciados pelos integrantes do Coletivo Parabelo. Durante o semestre, as/es/os participantes, em diversos momentos, optaram por colaborar com o custeio da produção de determinadas ações por iniciativa própria.

es e/ou performadoras/es e/ou pesquisadoras/es em atuação na rede pública de ensino, tanto no nível básico quanto no nível superior; fosse como estudantes de graduação em cursos de licenciatura na área de Humanidades; fosse como estudantes no âmbito da pós-graduação em pesquisas de Mestrado, Doutorado ou Pós-doutorado, com temáticas correlatas às propostas nos Mutyrões; fosse como estagiárias/es/os ou professoras/es efetivas/es/os da rede pública de ensino básico e superior municipal, estadual ou federal.

Assim, participaram dos Mutyrões de Imaginação Performativa, Política e Pedagógica: Amanda Chaptiska, Ana Musidora, Fábio Santos, Lucas Silva Ferreira, Marcelo Prudente, Marina Klautau Felipe, Mayra Suzuki, Nathália Pallos Imbrizi, Naíla Rodrigues, Valéria Ribeiro e Karyne Dias Coutinho. Além disso, também contamos com a participação pontual da Prof<sup>a</sup> Dra. Carminda Mendes André, líder do grupo de pesquisa Performatividades e Pedagogias do Instituto de Artes da UNESP. É importante frisar que parte das/es/os participantes já havia colaborado com outras ações realizadas pelo Coletivo Parabelo em seus catorze anos de existência à época; de modo que o Mutyrão emergia como a possibilidade de dar continuidade a tais relações, fortalecendo os respectivos vínculos, a exemplo das/es/os participantes provenientes da Licenciatura em Arte-Teatro, da Pós-Graduação em Artes e do grupo de pesquisa Performatividades e Pedagogias do Instituto.

Ao longo do segundo semestre de 2019, foram realizados treze encontros quinzenais com duração de três horas em média, que ocorreram de maneira randômica em diversos locais da cidade de São Paulo, entre outros, uma sala de ensaio locada pelo Coletivo Parabelo; um evento científico realizado em uma universidade pública; em frente a um centro comercial; na porta de uma escola de ensino fundamental da rede estadual; em uma praça pública em reforma no centro da cidade; em um ato em defesa da universidade pública; nas esquinas das ruas do chamado centro velho e, até mesmo, em frente à Câmara dos Vereadores da cidade de São Paulo.

Durante o processo de realização dos Mutyrões, o Coletivo Parabelo desenvolveu o que denominamos *Boletins Imaginários*, publicação quinzenal digital e impressa sob demanda, cujo intuito era comunicar, organizar e coletivizar informações necessárias para o acompanhamento da realização de cada encontro do Mutyrão de Imaginação Performativa, Política e Pedagógica, conforme veremos a seguir.

### **Boletins Imaginários: o que acontece quando uma aula performática acontece?<sup>10</sup>**

No decorrer do semestre, foram publicados dez Boletins Imaginários, estruturados do seguinte modo: Considerações sobre o último Mutyrão; Local e horário do próximo Mutyrão; Proposta para o próximo Mutyrão; Combinados para o próximo Mutyrão, e Leituras para o próximo Mutyrão. Com base nis-

10. Este subtítulo foi pensado em referência ao capítulo do livro *Contracomunicação* (2004), de Décio Pignatari, intitulado “O que acontece quando o happening acontece?”.

so, organizamos a seguir dez notas, retiradas sobretudo da seção Considerações sobre o último Mutyrão.<sup>11</sup> Cabe ressaltar que cada nota é precedida por uma fotografia, bem como, por uma história de aula performática<sup>12</sup> respectiva à linha de força imaginária a partir da qual foi organizado o encontro em questão, conforme apresentaremos na sequência.<sup>13</sup>

### Boletim Imaginário #0 - Mutyrão de Imaginação Performativa, Política e Pedagógica - Coletivo Parabelo - 23 de julho de 2019



**Figura 1.** *Entrevista Imaginária* (2019). Aula Performática, Coletivo Parabelo, São Paulo. Arquivo Coletivo Parabelo.

Uma caixa preta ocupada por um círculo de cadeiras laranjas, uma para cada participante; sobre o assento, um termo de compromisso. Uma linha corta o círculo ao meio, delimitada por dois pontos: interrogação e exclamação. Frente a frente, dois pedestais com microfones. Dentro do círculo estão placas com nomes que evocam autoras/es dos textos, enviados previamente para que cada participante pudesse preparar a imaginação para a entrevista. Cada participante

11. O número das edições de cada Boletim Imaginário foi modificado neste artigo, para uma maior inteligibilidade. No site do Coletivo Parabelo, é possível acessar todos os Boletins Imaginários na íntegra: <https://www.coletivoparabelo.com/boletins-imaginarios>.

12. Utilizamos o termo “história de aula performática” em referência à proposta de Fabião (2008) que consiste em contar histórias de performances ou cenas verbais, como um meio de relatar ações realizadas por performeradoras/es que ampliam, oxigenam e modificam as maneiras de pensar as relações entre arte e ação. Neste caso, acrescentaríamos que as ações relatadas pelas histórias de aulas performáticas podem ampliar, oxigenar e modificar as maneiras de pensar as relações entre arte, ação e educação. Estas histórias de aulas performáticas estão grafadas em itálico, pelo fato de divergirem das normas da linguagem acadêmica.

13. A única nota não precedida por uma história de aula performática é a referente ao Boletim 5.1, publicado em caráter extraordinário, pelo fato de tratar-se de um convite feito pelos organizadores do IV Ato IA/UNESP em Chamas.

que chega ocupa uma cadeira, se apresenta e traz consigo as perguntas preparadas pela imaginação. Então, precisa escolher uma destas placas com os nomes, para imaginar como cada uma/e/um dessas/es autoras/es responderia às perguntas imaginadas. Frente a frente, duplas de entrevistadoras/es e entrevistadas/es imaginárias/es/os ocupam os microfones: sela-se um pacto performativo.

### Considerações sobre o último Mutyrão

Esperamos que a entrevista imaginária realizada no primeiro Mutyrão de Imaginação Performativa, Política e Pedagógica, no dia 22 de julho de 2019, tenha sido uma prática de boas-vindas, na qual tenhamos experimentado a importância de perdermos o pudor da exposição da nossa voz, ao reconhecermos o efeito autoral da nossa escuta quando lidamos com um dado texto – pistas para destravarmos juntas/es/os nossa imaginação performativa, pedagógica e política.

### Boletim Imaginário #1 - Mutyrão de Imaginação Performativa, Política e Pedagógica - Coletivo Parabelo - 06 de agosto de 2019



**Figura 2.** *Quem vai velar pela escola pública?* (2019) Aula performática Táticas Afetivas Anarcadêmicas. Coletivo Parabelo, São Paulo. Arquivo Coletivo Parabelo.

Na caixa preta, um velório. Em frente a fileiras de cadeiras laranjas, um pequeno caixão branco emoldurado por uma coroa de flores, com os dizeres: “Saudades escola pública”. Do lado oposto, uma mesa coberta por uma toalha branca sustenta duas bandejas prata, a da direita repleta de coxinhas, a da esquerda repleta de sanduíches de mortadela; ao centro, guardanapos, taças de plástico



transparente e duas garrafas de Catuaba Selvagem. Próximo ao caixão, uma performadora professora pesquisadora faz a recepção, proferindo um discurso ao microfone, e convida as/es/os participantes a prestarem suas homenagens. Ao fim das homenagens, segue um cortejo – assombrado, espantado e consternado – carregando a coroa de flores, reverberando a seguinte pergunta: quem vai velar pela escola pública? A coroa é entregue aos portões fechados da Câmara de Vereadores da cidade de São Paulo.

### **Considerações sobre o último Mutyrão**

No segundo Mutyrão de Imaginação Performativa, Política e Pedagógica, realizado no dia 05 de agosto de 2019, imaginamos os sentidos de velar pela educação pública brasileira no atual contexto político cultural, experimentando a performance como prática indisciplinar, na qual podemos evocar a escola de forma simbólica. Ao experimentarmos uma ação, um gesto, um fazer escola dentro e fora de uma instituição de ensino, podemos questionar se as escolas, como estão dadas e as conhecemos, são escolas de fato; a exemplo do que tem sido feito nas diversas escolas criadas por artistas da arte contemporânea, como a Escola Brasil, dos brasileiros Carlos Fajardo, Frederico Nasser, José Resende e Luís Paulo Baravelli; a Universidade Livre Internacional, do alemão Joseph Beuys; a Cátedra Arte de Conduta, da cubana Tania Bruguera, e a Anarcademia, da brasileira Dora Longo Bahia, para retomarmos alguns dos nomes discutidos durante nosso encontro.

## Boletim Imaginário #2 - Mutyrão de Imaginação Performativa, Política e Pedagógica - Coletivo Parabelo - 20 de agosto de 2019



**Figura 3.** *Eu não sou uma professora? Entre o passado e o presente, a ausência e a presença, a consciência e a memória* (2019). Aula performática Plantação de Memórias Autoetnográficas. Coletivo Parabelo, São Paulo. Arquivo Coletivo Parabelo.

Tonalidades terrosas, viscosas, empoeiradas, esfumaçadas e pretas, presentes em uma caixa preta. Um útero in vitro, caixas de giz branco, um apagador de quadro negro, um liquidificador e um avental branco apoiados em uma mesa. No chão, placas brancas com letras pretas impressas, uma lixeira, um fardo de açúcar, dois pedestais com microfones e duas estantes de partitura posicionadas uma em cada lado da mesa. Como em um circuito interminável, um corpo enquadrado socialmente como mulher, negra, lésbica e servidora pública fala, exhibe, anda, despeja, fecha, bate, abre, exhibe, descarta, despeja, anda, fala, apaga, anda, despeja, fala, anda, fala, apaga, anda, exhibe, fala, veste, exhibe, cala; convida as/es/os participantes a relatarem a presença da ausência, a ausência da presença de memórias de corpos enquadrados como professoras/es negras/es/os durante seus respectivos processos de escolarização, enquanto é cortado, lesionado, traumatizado com a pergunta: eu não sou uma professora?

### Considerações sobre o último Mutyrão

No terceiro Mutyrão de Imaginação Performativa, Política e Pedagógica, realizado no dia 19 de agosto de 2019, imaginamos como as práticas de narrar, relatar e performar a si mesmo podem ser um modo de rememorar nossas experiências corporais, ao sermos enquadrados socialmente como professoras/es, performadoras/es e pesquisadoras/es. Nesse sentido, nossas primeiras conversas parecem apontar o papel da percepção como princípio da comunicação;

de modo a imaginarmos de que forma experimentaríamos o que chamamos de performances da percepção pode vir a nos ajudar a refletir sobre o que faz de uma/e/um professora/e/or uma/e/um professora/e/or, uma/e/um artista uma/e/um artista, ou mesmo, no limite, uma pessoa uma pessoa?

### Boletim Imaginário #3 - Mutyrão de Imagem Performativa, Política e Pedagógica - Coletivo Parabelo - 3 de setembro de 2019



**Figura 4.** Erratório. Aula performática *Desejos de Rua Transpedagógicos* (2019). Coletivo Parabelo, São Paulo. Arquivo Coletivo Parabelo.

Quinhentos e dezenove copos americanos preenchidos com água, dispostos um a um na calçada em frente à escadaria do Teatro Municipal, em um final de tarde de segunda-feira. No contrafluxo, as/es/os transeuntes mais apressadas/es/os quase mergulhavam em um abismo de vidro. No fluxo, catadoras/es, moradoras/es em situação de rua e ambulantes observavam até perder de vista. No refluxo das/es/os curiosas/es/os que paravam para perguntar, e eram respondidas/es/os com outras perguntas. Quinhentos e dezenove copos americanos preenchidos com água se dissipam no fluxo da cidade de São Paulo em sacolas de moradoras/es em situação de rua, em mochilas de ambulantes, na bolsa de transeuntes, nas mãos de performadoras/es que se perdem no vazio pleno do líquido que estremece a cada passo sem rumo certo. As ruas ganham dimensões diversas pelas lentes do líquido que transborda contato. Na iminência da perda de sentido, mãos inesperadas oferecem ajuda. Perder-se por ruas, bulevares, praças segurando um copo d'água na mão torna-se mote para dialogar com a desconhecida, com o desconhecido. Em um ponto de encontro previamente combinado, nos reencontramos em um círculo de banquinhos portáteis, que se forma aos poucos no fluxo da escrita. Logo o círculo se dissipa em um enxame de escritos errabundos pronunciados em tubos de conduíte amarelos que par-

tem de bocas a procura de ouvidos na noite que cai nas ruas do centro velho da cidade de São Paulo.

### Considerações sobre o último Mutyrão

A partir do encontro de ontem, começamos a admitir a hipótese de que fazer daquilo que constitui uma aula um problema para a nossa imaginabilidade, talvez, implique em desertarmos o poder da prescrição, da explicação e da demonstração, prometido pela tranquilidade da certeza. Para tanto, aparentemente, é importante nos engajarmos com as potências dos afetos, da dúvida e da experiência, como premissas para convivermos com a incerteza criadora. Nesse sentido, ativar um desejo de rua transpedagógico parece tornar possível exercitar uma certa habilidade para se pôr *com*, «*com pôr*» com o outro: o outro em si, o outro do outro; em detrimento da afirmação da necessidade de intervir *pelo/para* o outro exterior, homogêneo, absoluto. Fazer de uma aula com o espaço público um problema para nossa imaginação demanda um determinado exercício de alteridade, de modo a dismantelar a tríade professor-aula-aluno. Ainda, dismantela-se a tríade artista-obra-espectador, ao compreendermos que tais posições não estão dadas e prontas *a priori*; o que, no limite, implica em admitirmos a ideia que uma pedagogia crítica radical não almeja, em momento algum, emancipar uma/e/um aluna/e/o, mas sim emancipar-se de uma noção generalizada de aluno. Por fim, tal prerrogativa emerge de modo ainda mais incontornável, quando percebemos que tal exercício de alteridade passa por uma abertura dos sentidos para a construção do dissenso *na e pela* produção do público como esfera pública; ou seja, o «mais que», os múltiplos, os muitos, em detrimento de um sentido único (responsável pela manutenção do consenso), no qual a esfera pública é confundida com uma plateia.

**Boletim Imaginário #4 - Mutyrão de Imaginação Performativa,  
Política e Pedagógica - Coletivo Parabelo - 23 de setembro de 2019**



**Figura 5.** *Quem vai velar pela escola pública?* (2019). Aula performática Táticas Afetivas Anarcadêmicas. Coletivo Parabelo, São Paulo. Arquivo Coletivo Parabelo.

No contraturno de uma escola da rede estadual de ensino, em plena calçada, um pequeno caixão branco, acompanhado por uma coroa de flores, convoca parte do que se convencionou chamar comunidade escolar – estudantes, familiares, docentes, funcionárias/es/os e residentes do entorno da instituição – para prestar suas últimas homenagens à escola pública. Na sarjeta uma mesa coberta por uma toalha branca sustenta duas bandejas prata, a da direita repleta de coxinhas, a da esquerda repleta de sanduíches de mortadela; ao centro, guardanapos, taças de plástico transparente e duas garrafas de Catuaba Selvagem. Tudo oferecido gratuitamente à comunidade escolar noite adentro, iluminada à luz de velas, entrecortada pelo som do sinal escolar, entremeada pelos silêncios que não cessavam de perguntar: o que aconteceu com a escola pública?

### **Considerações sobre o último Mutyrão**

No Mutyrão de Imaginação Performativa, Política e Pedagógica do dia 16 de setembro de 2019, nos reunimos em frente à residência das/es/os participantes Lucas Ferreira da Silva e Mayra Suzuki, sentados numa calçada da rua Treze de Maio, para velar a escola pública. Cada um e cada uma trouxe um gesto

em homenagem à escola. Pão com mortadela, coxinha e catuaba chamaram os passantes à partilha de memórias. Junto às/aos moradoras/es, mães, estudantes e professoras/es da *Escola Estadual Maria José*, onde o participante Marcelo Prudente leciona, localizada na vizinhança, evocamos a questão: o que caracteriza uma escola como pública? E, ainda, o que faz de uma escola pública uma escola? Num retrato falado coletivo, revisitamos memórias de pesar e impotência, assim como de saudade e esperança. O que permanece na lembrança entre um toque do sinal escolar e outro? O que fica da finada escola, além da cópia da lousa? Qual história a lousa conta? Quem a conta? No anseio de contar as nossas narrativas sobre a educação pública, imaginamos: por que a escola pública morreu? Quem a matou? Investigamos a escola como um lugar de fazer viver e deixar morrer. Ao mapear essa política – ali, em coletivo, na rua – não só a denunciemos, mas anunciamos sua contramão. Fizemos escola.<sup>14</sup>

### Boletim Imaginário #5 - Mutyrão de Imaginação Performativa, Política e Pedagógica - Coletivo Parabelo - 7 de outubro de 2019



**Figura 6.** *Eu não sou uma professora? Entre o passado e o presente, a ausência e a presença, a consciência e a memória* (2019). Aula performática Plantação de Memórias Autoetnográficas. Coletivo Parabelo, São Paulo. Arquivo Coletivo Parabelo.

Em uma caixa preta, uma performadora professora e pesquisadora enquadrada socialmente como mulher, negra, lésbica e servidora pública é interpelada pelas marcas de um corpo de extração. Enquanto fala, exhibe, anda, despeja, fecha, bate, abre, descarta, apaga, veste, cala, perscruta relações que perpetuam, em quatro décadas de vida, quatro séculos de obra colonial. Percebendo a cada instante que a tentativa de negar a primazia da aparência e escapar aos destinos que lhes foram profetizados, ao se dedicar às atividades que supervalorizam as

14. As considerações sobre este Mutyrão foram escritas pela participante Marina Klautau Felipe, que no período era graduanda do curso de Licenciatura em Artes Visuais da UNESP.

supostas conquistas da modernidade, parece difícil escapar das marcas seculares de um corpo racializado; o qual relata para não deixar esquecer que, no intervalo de um ano, graças aos ditos avanços da ciência moderna, conseguiu extrair do próprio corpo, quase simultaneamente, um útero e uma tese.

### Considerações sobre o último Mutyrão

No último Mutyrão, entramos em contato com a ideia de que professoras/es, performadoras/es, pesquisadoras/es podem ser lidas/es/os como o que tem sido chamado de investigadoras/es Pós-abissais (SANTOS, 2019), uma vez que tendem a ultrapassar as linhas abissais com as quais o advento da chamada modernidade compartimentou criação artística, processo educativo e investigação crítica. Essa prerrogativa parece exigir que professoras/es, performadoras/es, pesquisadoras/es desenvolvam metodologias não-extrativistas, que rompam com as separações entre sujeito e objeto, dentro e fora, mente e corpo. Para isso, lançam-se em investigações críticas, orientadas por relações entre sujeitas/es/os e sujeitas/es/os, nas quais tanto a observação é participante, quanto a participação é observada; o que, aparentemente, acarreta no acionamento da co-presença corporal em um determinado espaço-tempo compartilhado na e pela construção do Co-conhecimento, e fazendo da pesquisa, necessariamente, uma pesquisa coletiva.

Nesse sentido, é imprescindível levarmos em consideração que, ao desenvolver metodologias não-extrativistas, investigadoras/es pós-abissais precisam lidar com os cortes, lesões e traumas provocados pelas linhas abissais que recortam a sociedade brasileira em posições de gênero, classe, etnia e sexualidade, a fim de perpetuar toda sorte de desigualdades sociais. A partir disso, nos parece que precisam estar comprometidas/es/os com o desmantelamento das interdições capitalistas, patriarcais, raciais e heterossexuais que procuram escamotear a violência promovida pela empresa colonial/moderna, por exemplo, com mitos como o da chamada democracia racial. Logo, trata-se de atravessar as linhas abissais que procuram alimentar os gabaritos de inteligibilidade do monstro, informados por toda uma genealogia da anomalia, na busca pela promoção de formas de subalternização, objetificação e congelamento do eu; na e pela atualização de regimes de suspeição responsáveis por manter espaços-tempos de exclusividade para aqueles que são enquadrados como brancos e/ou homens e/ou de elite.

Para tanto, começamos a nos questionar que assumir tal responsabilidade, aparentemente, convoca um certo exercício de empatia crítica, na qual o coletivo apareça como uma premissa no aqui e agora, e não uma promessa que só se realizará em um futuro mais ou menos distante. De certa forma, trata-se da fundação de uma comunidade de aprendizagem (HOOKS, 2013) em que a cura, a criação e a crítica emanem da nossa experiência corporal sensível, no e pelo engajamento com uma certa artesanaria das práticas, nas e pelas quais podemos transformar aquilo que sabemos, ao invés de somente reproduzir aquilo que já temos como dado e sabido.

**Boletim Imaginário Extraordinário #5.1 - Mutyrão de Imaginação Performativa, Política e Pedagógica - Coletivo Parabelo - 17 de outubro de 2019**



**Figura 7.** *Quem vai velar pela escola pública?* (2019). Aula performática Táticas Afetivas Anarcadêmicas. Coletivo Parabelo, São Paulo. Fotografia de Mayra Suzuki. Arquivo Coletivo Parabelo.

O Coletivo Parabelo foi convidado a participar do Ato em Defesa da Universidade Pública, no Teatro Reynúncio Lima do Instituto de Artes da Unesp, numa segunda-feira, que contaria com a presença de docentes e discentes da UNESP, além do deputado estadual Carlos Giannazi e do ator Pascoal da Conceição. A partir desse convite, resolvemos propor um Mutyrão de caráter excepcional, para aquela ocasião específica. Isto porque consideramos que, na atual conjuntura de desmonte da educação pública, seria importante valorizarmos as oportunidades para velar pelas instituições de ensino públicas, como por exemplo, a universidade. É uma conjuntura que demonstra um descompasso entre a utopia civilizatória, vinculada à perspectiva moderna republicana (em que a universidade pública seria a instituição responsável pela construção de uma sociedade melhor), e a realidade que desqualifica tal instituição, empurrada a adequar-se aos parâmetros rentáveis e eficazes do capitalismo global, onde predominam interesses privados.

Nesse Mutyrão, continuaríamos o desenvolvimento da linha de força Táticas Afetivas Anarcadêmicas, por meio da realização da aula performática “Quem vai velar pela universidade pública?”. Ao imaginarmos os sentidos de velar pela universidade pública no contexto político-social vigente, poderíamos questionar: o que faz de uma universidade uma universidade? Ou ainda, o que seria defender, criticar e criar a universidade pública? Em busca de possíveis pistas para esses questionamentos, nos reportamos às práticas de artistas con-



temporâneos, como as da brasileira Dora Longo Bahia, que tem experimentado a criação de uma Anarcademia com um grupo de artistas e estudantes de arte em contextos específicos, tais como o museu, a galeria e o grupo de estudos. Tais práticas parecem descortinar outros modos de fazer arte e de fazer educação; ao apostarem, por exemplo, na academia como um ato de anarquia que coloca em xeque os limites da instituição – seja ela a arte, a educação ou a si própria. A partir das homenagens à escola pública, realizadas no último Mutyrão pelas/es/os professoras/es, artistas e pesquisadoras/es participantes da Jornada de Pesquisa e do Encontro Científico do Mestrado Profissional PROF-ARTES, em 11 de outubro de 2019 no IA UNESP, sugerimos que no próximo Mutyrão cada um e cada uma traria sua homenagem à universidade pública com uma duração máxima de até três minutos.

### **Boletim Imaginário #6 - Mutyrão de Imaginação Performativa, Política e Pedagógica - Coletivo Parabelo - 21 de outubro de 2019**



**Figura 8.** *Quem vai velar pela escola pública?* (2019). Aula performática Táticas Afetivas Anarcadêmicas. Coletivo Parabelo, São Paulo. Fotografia de Mayra Suzuki. Arquivo Coletivo Parabelo.

Um caixão branco acompanhado de uma coroa de flores com os dizeres: “Saudades escola pública” inserido sorrateiramente no intervalo para o café de um evento acadêmico na universidade pública, direcionado a professoras/es, artistas e pesquisadoras/es, vinculadas/es/os à rede pública de ensino básico do Estado de São Paulo. Ao prestarem suas últimas homenagens, as/es/os participantes materializam as angústias, as revoltas, as alegrias, as dores e os prazeres que constituem o trabalho docente em uma instituição de ensino pública, ecoando uma única certeza: sob nenhuma hipótese, deixar a escola pública morrer.

## Considerações sobre o último Mutyrão

No último Mutyrão de Imaginação Performativa, Política e Pedagógica, entramos em contato com a ideia de que defender a escola implica em desmantelar uma espécie de Dispositivo Pedagógico (CARVALHO; GALLO, 2017) que está antes e para além dela, uma vez que vivemos no que tem sido chamado de Sociedade Pedagogizada (RANCIÈRE, 2011). Tal dispositivo pedagógico consiste no estabelecimento de redes estratégicas de formação epistêmica, ética, política, estética e econômica que dispõem os corpos em determinadas relações de saber-poder. Isto é, tal dispositivo pedagógico é corporificado na e pela organização da materialidade das relações sociais, no mais amplo sentido do termo. Nessa perspectiva, a escola moderna torna-se o emblema de uma espécie de usina de modelagem de condutas, atitudes e gestos corporais em ambientes controlados, onde são replicados os princípios universais previstos pelo modelo de formação do sujeito moderno, o qual é indispensável para a manutenção das esferas da representação política, social, econômica, cultural etc.

Vale atentar para o fato de que esta prerrogativa está diretamente relacionada à permanência de ideários coloniais no *modus operandi* de universidades públicas em países colonizados, mesmo após a oficialização da sua independência (SANTOS, 2019). Esse *modus operandi* colonial ganha contornos ainda mais específicos na atual crise que vive a universidade pública brasileira; a qual se vê, de um lado, assujeitada aos interesses do capitalismo global e, de outro, interpelada por sujeitas/es/os que questionam as relações de dominação econômica, epistêmica, política, estética e cultural, graças às políticas públicas que promoveram o acesso de grupos socialmente subalternizados ao ensino superior público.

É nesse contexto que precisamos pensar acerca do papel da/e/o professora/e/or como servidora/e/or, mantenedora/e/or e administradora/e/or da sala de aula enquanto usina de modelagem social responsável pela universalização de relações de saber-poder, que promovem toda sorte de perversidades, a fim de assegurar a formação do sujeito moderno, em nome de uma determinada utopia pedagógica que, como toda utopia é, em alguma medida, coercitiva. Cabe atentarmos para o modo como nossos corpos estão dispostos uns com os outros no aqui e agora; de modo que os conflitos entre a universidade e o que tem sido chamado de Subservidão (SANTOS, 2019) abram espaço para o reconhecimento de uma Pluriversidade (Idem) de modos de saber, fazer e de estar junto na vida cotidiana. Nesse sentido, defender, velar pela educação, pela universidade e pela escola pública pode implicar em apostar no gesto de fazer outra aula, outra escola e outra universidade dentro da própria sala de aula, da escola e da universidade pública.

Assim, para além de acompanharmos o movimento da própria linha imaginária Táticas Afetivas Anarcadêmicas – que sai da caixa preta, passa pelas calçadas dos portões de chegada e partida da escola pública e vai parar dentro da universidade pública –, é importante escutarmos os ecos das vozes projetadas nos e pelos depoimentos, testemunhos e relatos de si realizados pelas/es/os professoras/es da rede pública de ensino, assim como das alunas/es/os do mestrado profissional do Instituto de Artes da UNESP, durante nosso velório da educação,

da universidade e da escola pública. Havia ali uma espécie de mergulho no território dos afetos, que tornava audíveis os compromissos entre o desejo, a angústia e a criação, no descongelamento das nossas representações do que significa fazer escola, fazer universidade e fazer educação pública. Como nos momentos nos quais aqueles rostos se dirigiam a um caixão branco, enquanto manejavam as cabeças em um sinal de com-sentir, sentir-com a vida, em uma espécie de recusa a aceitar essas formas contemporâneas de morrer, nas quais as pessoas morrem de uma morte que não se restringe à morte biológica.

### Boletim Imaginário #7 - Mutyrão de Imaginação Performativa, Política e Pedagógica - Coletivo Parabelo - 4 de novembro de 2019



**Figura 9.** Erratário; Aula performática *Desejos de Rua Transpedagógicos* (2019). Coletivo Parabelo, São Paulo. Arquivo Coletivo Parabelo.

Sobre a grama do jardim na entrada da Biblioteca Mário de Andrade, estavam enfileirados saquinhos de papel marrons gravados com uma instrução manuscrita, que também era um manifesto: experimentar a cidade com a ponta dos dedos. Dentro dos saquinhos marrons, giz de lousa branco. Cada participante seguiu um rumo, carregando um daqueles saquinhos, munidos de giz de lousa branco e da possibilidade de experimentar a cidade com a ponta dos dedos: poças d'água que espelham horizontes; rachaduras que desenhavam no concreto; manequins que plastificam, esquetejam e expõem corpos; vidros que encapsulam praças. Artistas imaginárias/es/os deixam a marca efêmera de uma assinatura em giz sobre papelão, chão, muro, pedra e vão no centro velho de uma São Paulo imaginada – partículas de poeira depreendidas pela cidade que fere com a indiferença do concreto e a violência do asfalto quem ousar teimar em desobedecer às tiranias do pessoal, do privado e do particular.

## Considerações sobre o último Mutyrão

No último Mutyrão, experimentamos o Erratório como ignição para uma possível revolta da carne do assento<sup>15</sup> a partir de uma pedagogia a pé, na qual o «rolê» emerge, como uma crítica aos aspectos sedentários da educação (MARQUES, 2017; BAITELLO, 2012; HOFF, 2008; LUGONES, 2003). Tal sedentarismo pode ser lido como uma espécie de hábito cognitivo, por exemplo, que procura assentar determinados entendimentos de sujeito, arte e educação em categorias prontas, dadas e autônomas. Por sua vez, esses assentamentos são responsáveis por manter dicotomias, tais como corpo e mente, arte e vida, educação e cotidiano etc. Dessa forma, experimentar o deslocamento do corpo pela cidade, bem como o deslocamento da cidade pelo corpo como via privilegiada para poetização do urbano e práxis educativa (MARQUES, 2017; ANDRÉ, 2016; JACQUES, 2012), nos coloca diante do desafio de pôr em xeque a própria autonomia do sujeito, a autonomia da arte e, de certa forma, uma espécie de autonomização da visão.

Se atentarmos ao fato de que a arte e a educação estão constantemente implicadas com os vocabulários da emancipação, ao analisá-los, com frequência encontraremos um certo elogio à autonomização da visão, sobretudo quando nos deparamos com determinadas metáforas do olho, a exemplo de evidência, visão de mundo, olhar crítico etc. Grosso modo, são metáforas do olho que apostam na tríade distanciamento-perspectiva-abstração como prerrogativas indispensáveis para a construção de um modelo de sujeito autônomo. No entanto, ao nos defrontarmos com essa espécie de olhar desencarnado, encontramos fortes indícios de que a ideia de autonomia do sujeito só é possível no plano da ficção, uma vez que tal sujeito só aparece a partir de um forte aparato institucional. Desse modo, a ideia de um sujeito, ator, agente autônomo só seria possível graças à expropriação das forças que são da ordem do político, do social e do coletivo; forças que, por sua vez, ficam escamoteadas por uma série de normas, condições e dispositivos institucionais. Um bom exemplo é o que regula a separação artista, obra e espectador, noções caras à chamada Instituição Arte (BURGER, 2012); ou ainda, o que arregimenta as distinções professor, aula e aluno, no que diz respeito às instituições educativas.

Nesse viés, as práticas que aparecem sob o signo do «rolê» apontam para o papel do movimento, da atenção e da percepção corporal como possibilidade de desestabilizar, simultaneamente, certas noções de autonomia do sujeito e autonomia da arte, ao apostar no engajamento do corpo com o aqui e agora, a fim de romper com as linhas que apartam corpo e mente, dentro e fora, teoria e prática, tática e estratégia, masculino e feminino, arte e educação, conhecimento e vida.

## Boletim Imaginário #8 - Mutyrão de Imaginação Performativa, Política e Pedagógica - Coletivo Parabelo - 18 de novembro de 2019

15. O termo revolta da carne do assento se refere a uma proposição de desobediência ao Pensamento Sentado (BAITELLO JR, 2012), que é apresentada mais detalhadamente em Marques (2017).



**Figura 10.** *Eu não sou uma professora? Entre o passado e o presente, a ausência e a presença, a consciência e a memória.* Aula performática *Plantação de Memórias Autoetnográficas* (2019). Coletivo Parabelo, São Paulo. Arquivo Coletivo Parabelo.

Na caixa preta, uma batalha sub-reptícia entre negros e brancos vem à tona, conforme o apagador deposita os resquícios de giz sobre o corpo enquadrado como mulher, negra, lésbica e servidora pública. O negro que é encoberto por camadas e camadas de ideais brancos. As mãos negras que desejam apagar as marcas brancas de um corpo racializado são as mesmas que se debatem contra o giz branco na luta em um quadro negro. Uma materialidade negra que serve de suporte para os ideais brancos. Uma matéria negra que resiste à ação daquele pó branco o qual não resiste à ação do tempo físico, mas que não cessa de vencer no tempo da História com H maiúsculo dos másculos homens com H. O negro que permanece como matéria em contraste às marcas brancas entre o passado e o presente, a ausência e a presença, a consciência e a memória dos corpos degradados no chão das salas das casas grandes, no chão das salas das grandes cidades, no chão das salas de aula das escolas cerceadas por grandes grades.

### Considerações sobre o último Mutyrão

Nesse Mutyrão, voltado à linha de força imaginária *Plantação de Memórias Autoetnográficas*, nos confrontamos com um imaginário social que institui um modelo de docência intrínseco à ideia de decência que compõe o *Regime das Aparências Escolares* (RACHEL, 2019; DUSSEL, 2005) – para aludirmos à associação entre docência e decência feita pela participante Valéria Ribeiro, que relaciona os entendimentos de anti-mulher e anti-professora (RACHEL, 2019). Tal regime determina o que é permitido aparecer e o que deve desaparecer por meio de um processo educacional que tem como parâmetro a formação do sujeito moderno, enquadrado como homem, branco, livre-empresendedor, heterossexual e cristão; ou ainda, aquele que corporifica o poder em uma so-

cidade estruturada pelo racismo, pelo patriarcado e pelo capitalismo. Aquelas/es que não se enquadram nesse perfil, vivem à mercê das políticas da morte ou necropolíticas, conforme nomeado pelo professor e filósofo camaronês Achille Mbembe (2018), dedicando a existência a uma constante fuga do aniquilamento e muitas vezes, reproduzindo as mesmas violências que lhes são infligidas. Por esta perspectiva, ser professora/e/or consiste em uma luta constante, tanto para se enquadrar aos parâmetros de sujeito moderno, quanto para não se enquadrar a estes parâmetros, no caso daquelas/es que não se conformam em corroborar com a manutenção da supremacia branca, da heterossexualidade compulsória e da exploração capitalista.

Em meio a este embate, atentamos ao papel da escrita na ativação da memória pela prática autoetnográfica performativa. Isto porque a escrita pode se constituir numa maneira de não esquecermos dos atos de violência que não cessam de fundar a sociedade brasileira, quando escrevemos com a força da nossa presença como um ato de resistência, sem nos deixarmos reduzir aos números e dados sem rosto, que muitas vezes correm o risco de somente justificarem os destinos que nos são profetizados.

### **Metanoias politizadas: a (im)potência do co- no Mutyrão de Imagem Performativa, Política e Pedagógica**

A implicação com o gesto de recolher, reunir e republicar as notas provenientes dos Boletins Imaginários nos permitiu perseguir os rastros, restos e resíduos de performances, políticas e pedagogias forjadas em uma espécie de exercício de co-imaginação, conforme propõe o professor e pesquisador André Lepecki (CRUNTEANU, 2016). De acordo com o autor, a co-imaginação não diz respeito exatamente a um conceito, tendo em vista que se trata de uma prática derivada da potencialidade abarcada pela própria palavra imaginação. A partir das inquietações relativas à qualidade da sua participação nos processos criativos de diversos artistas, Lepecki constatou que sua posicionalidade não correspondia precisamente a aquilo que convencionamos chamar de coautor, coprodutor ou cocriador. Antes e para além disso, Lepecki compreendeu que tendia a assumir a posição de quem co-imagina; ou seja, um corpo que imagina ao lado da imaginação de outros corpos co-presentes no e pelo compartilhamento de um dado espaço-tempo. Para tanto, torna-se imprescindível que o prefixo «co» implique em distintos graus de dissolução da noção de autor, autoria e autoridade, pois interrompe, em diferentes níveis de intensidade, os compromissos com uma espécie de modelo de sujeito, no qual o artista é compreendido como o detentor de uma certa verdade, de um dado significado e de uma determinada função do trabalho artístico.

Nessa perspectiva, a co-imaginação não pode ser confundida com qualquer coisa que seja da ordem do desejo individual, da opinião pessoal, ou do interesse particular, pois demanda uma forma rigorosa de empirismo, que invoca uma adesão porosa à concretude de uma determinada situação, conforme se insiste em permanecer em relação à prática artística, uns com os outros, nos mais diversos contextos: um velório simbólico da escola pública em uma caixa

preta, na porta de uma escola pública, no interior de uma universidade pública, para retomarmos os exemplos experimentados. Dessa maneira, a co-imaginação consiste em uma prática ativa, empírica e dialógica, de co-presença, de co-conhecimento e de co-habitação corporal, pautada naquilo que é da esfera do «[...] intersubjetivo, transindividual ou, melhor ainda: do totalmente impessoal» (LEPECKI apud CRUNTEANU, 2016, s.p., Tradução nossa)<sup>16</sup>. Isto é, trata-se de uma prática corporal cujo rigor ativo, empírico e dialógico não se deixa confundir com a performance de uma imaginação pessoal, tendo em vista que se trata de uma certa performatividade coletiva e, assim, responsável por aquilo que é da ordem de uma co-imaginação impessoal.

Diante disso, André Lepecki (apud CRUNTEANU, 2016) estabelece uma conversa com a crítica de arte contemporânea canadense Patricia Reed, ao definir a imaginação como aquilo que a autora chama de metanoia politizada. Segundo Lepecki:

Reed chama a imaginação de «metanoia politizada», e a define como: «o coletivo aproximando a realidade de algo que ainda não existe à medida que propõe uma lógica alternativa, a partir da qual um outro mundo é possível; ou seja, a insistência numa possibilidade supranumerária que tende a ser ofuscada pela lógica ‘do que é.’» (REED apud LEPECKI apud CRUNTEANU, 2016, s.p., Tradução nossa)<sup>17</sup>

Nesses termos, ao conviver com inquietações como «o que aconteceria se transformássemos em um problema para a imaginação aquilo que faz de uma aula uma aula?», o Mutyrão de Imaginação Performativa, Política e Pedagógica pode ser lido, justamente, como uma tentativa de politização metanoica, ao procurar experimentar a co-imaginação como a possibilidade de pensarmos «outramente» com outros corpos, diversamente do que já existe. Em outras palavras, à medida que deixávamos de tomar, em maior ou menor grau, aquilo que faz de uma/e/um professora/e/or uma/e/um professora/e/or, de uma aula uma aula e, no limite, de uma escola uma escola, como aquilo que é da ordem do que está sempre pronto e dado, passávamos a esboçar a hipótese de que a prática da co-imaginação demanda um certo distanciamento da noção de sujeito autônomo, autossuficiente, autodeterminado etc., para que fosse possível co-imaginar outras formas de fazer docência, aula e escola.

Assim, não deveríamos nos espantar frente à constatação de que a noção tratada por Lepecki corresponde a um modelo de sujeito ideal, devedor do chamado dualismo cartesiano, que persevera de modo insidioso, mesmo no que ficou conhecido, por meio de Roger Caillois, como *fenomenologia da imaginação* (LEPECKI apud CRUNTEANU, 2016). A partir da experiência no Mutyrão, arriscamos propor que a mera possibilidade da co-imaginação se encontra comprometida, prejudicada e abalada; uma vez que tal concepção de sujeito prevê uma separação mente e corpo, postulada por condições lógico-gramaticais entendidas como critérios para a verificação da realidade, cuja capacidade é

16. No original: [...] intersubjective, transindividual, or better still: totally impersonal.»

17. No original: “[...] Reed calls imagination “politicized metanoia” and defines it as: “the collective bringing closer to reality of an inexistent, an alter logic from which a novel world is possible – an insistence on a supernumerary possibility obfuscated by the logic of ‘what is.’”

pretensamente inequívoca, transparente e universal. A ênfase nas habilidades lógico-discursivas mediante o negligenciamento da dimensão corporal sensível, parece nos tornar incapazes de perceber que a imaginação não se reduz a um delírio, a um devaneio, ou a uma fuga meramente mental (no sentido pejorativo do termo), pelo fato de que, antes e acima de tudo, a imaginação é um gesto corporal.

Não obstante, a dificuldade de conceber a imaginação como um movimento, uma ação e um gesto corporal acarreta o desafio de compreender que a co-imaginação é um gesto que só podemos fazer juntas/es/os. Foi o que demonstrou a experiência no Mutyrão: que a co-imaginação pode consistir em uma espécie de co-participação responsiva no e por um certo exercício crítico-performático que exige a co-composição com os múltiplos desdobramentos de uma dada ação ou de uma certa proposição, em suma, de uma determinada prática artística. Isto é, aquilo que ocorre não apesar, mas graças à dimensão corporal sensível, que não cessa de ultrapassar, superar, exceder a si mesma em direção ao que é da ordem da alteridade, da outridade, da singularidade; dismantelando bordas, limites e fronteiras; sem jamais coincidir consigo mesma. É interessante notarmos que a co-participação nos Mutyrões demandava que imperativos dos domínios da intencionalidade, da propriedade e da originalidade fossem constantemente confrontados com um campo de indeterminação, experimentado de modo mais ou menos acentuado enquanto estávamos no trabalho de co-imaginação.

Nesse aspecto, Lepecki assevera que tal co-participação implica na emergência de uma “[...] entidade vortextual co-imaginativa [...]» (LEPECKI apud CRUNTEANU, 2016, s.p., Tradução nossa)<sup>18</sup>. O termo “vortextual” consiste em um neologismo ainda não incorporado à língua portuguesa, formulado a fim de aludir aos excessos de contextualização em relação a algo, a alguém, ou mesmo a algum lugar. Desse modo, aquilo que é “vortextual” manifesta-se em momentos em que ninguém mais parece saber do que se falava, vide a sensação de se estar presa/e/o a um vórtice que é a própria conversa, ao colocar em xeque qualquer esforço no sentido de falar com propriedade sobre determinado assunto. Não por acaso, o próprio Lepecki afirma que a prática da co-imaginação assemelha-se a relacionamentos pautados em promessas sem contrato, a exemplo do que ocorre em uma relação de amizade mais ou menos duradoura, o que faz do termo de compromisso assinado pelas/es/os participantes do Mutyrão uma espécie de paródia das normas, regulamentações e leis a respeito das quais precisamos nos manter atentas/es/os para não infringirmos em nossos encontros, a exemplo, do uso de imagens, bibliografias e performances de autoria de terceiros.

Ademais, nos parece importante ressaltar que o exercício da co-imaginação durante os Mutyrões não ocorreu sem entraves, conflitos e desentendimentos de toda sorte. Este é o caso mencionado pelo Boletim Extraordinário #5.1, que se refere a um convite feito ao Coletivo Parabelo para participar de um ato em defesa da universidade pública, denominado IV Ato IA/UNESP em Chamas. Participaram deste Ato professores, estudantes, pesquisadores, artistas e ativistas brasileiras/es/os vinculadas/es/os ao Instituto de Artes da UNESP, além

18. No original: “[...] a co-imaginative vortextual entity.”



de convidadas/es/os, entre outras/es/os, a educadora e pesquisadora Ana Mae Barbosa, o educador e filósofo Celso Favaretto, o ator Pascoal da Conceição e o deputado estadual Carlos Giannazi. O intuito principal para a organização do Ato era chamar a atenção para o desmonte sistemático da universidade pública, mais especificamente empreendido na UNESP, de modo geral, por meio do corte de verbas, bolsas e redução da contratação de professores e funcionários, bem como pela redepartamentalização em curso no Instituto de Artes naquele momento (medida que visava fundir os departamentos de Artes Visuais e Artes Cênicas, com o intuito de escamotear o problema da falta de professores). Tais medidas, empreendidas pelo governo estadual e ratificadas pela Reitoria da universidade, revelavam uma visão economicista da educação que, em linhas gerais, considera a existência da universidade pública como um prejuízo, ou um dispêndio para os cofres do Estado.

A partir dos desdobramentos relativos à nossa participação no ato em defesa da universidade pública, nos deparamos com a possibilidade de co-imaginar a questão “O que acontece quando o *happening* acontece?”, proposta pelo professor, poeta e ensaísta brasileiro Décio Pignatari (2004), uma vez que nossa ação performática, por diversos fatores, acabou sem acontecer.

### Responder juntas/es/os: o que acontece quando uma aula performática não acontece?



**Figura 11.** IV Ato IA/UNESP em Chamas. Instituto de Artes da UNESP. São Paulo, 2019. Arquivo Coletivo Parabelo.

No contexto do IV Ato IA/UNESP em Chamas, a realização do Mutyrão de Imaginação Performativa, Política e Pedagógica para acionar a aula performática “Quem vai velar pela universidade pública?” configurava-se como uma forma de compor com o Ato, ao exercitar a co-imaginação do que poderia se tornar a universidade pública a partir da crítica a uma perspectiva economicista inerente à instituição nos moldes em que a conhecemos. Notamos tal perspectiva em seu *modus operandi*, em práticas como o oferecimento de disciplinas por meio de políticas de créditos; o ranqueamento das produções bibliográficas; a avaliação métrica da produção científica etc.; que se aliam à permanência de valores coloniais, cuja decorrência é reiterar um projeto de desmanche da própria instituição. Como observado anteriormente, talvez haja certas semelhanças entre a precarização em curso na universidade pública brasileira, e um momento em que a universidade moderna se encontra diante de movimentos em rota de colisão, segundo nos aponta Boaventura Sousa Santos (2019). De baixo para cima, é possível perceber as conquistas dos movimentos sociais pelo direito de acesso ao ensino superior por aquelas/es que permaneceram excluídas/es/os, discriminadas/es/os historicamente por questões de classe, raça, gênero e sexualidade, como consequência de uma herança colonial. Esta movimentação revela outra, que vem em sentido contrário, de cima para baixo, em defesa da instauração da lógica capitalista e da manutenção dos valores elitistas coloniais e patriarcais, que se configuram enquanto tradição na instituição universitária.

Desse modo, o convite para participar do Ato também abria espaço para darmos continuidade a algumas questões abordadas no decorrer dos encontros promovidos pelos Mutyrões. Em meio aos embates iminentes, o Ato também nos convocava a pensar a respeito da importância do ensino público de artes. Para ir ao encontro das falas proferidas no evento em defesa da universidade pública, o qual ocorria justamente em um instituto de artes, retomamos a ideia de happening proposta por Décio Pignatari, que pode ser ampliada para outras práticas em arte contemporânea, de acordo com o autor, que o nomeia como “arte de ação” (PIGNATARI, 2004, p. 240). A partir desta proposição do autor, inferimos que quando essa arte de ação acontece, promove pela justaposição semântica de signos diversos, aparentemente desprovida de significado, a necessidade de imaginar outros sentidos que transformam ações e objetos banais do cotidiano, ao escapar dos limites da convenção. Ou ainda, podemos recorrer à citação feita durante o próprio Ato pelo professor Celso Favaretto à artista japonesa Yoko Ono, de que a arte tem a potencialidade de mudar o valor das coisas – aqui, qualquer semelhança com a aceção de co-imaginação como metanoia politizada pode não ser mera coincidência.

Por este viés, questionamos o que aconteceria se um caixão branco, acompanhado de uma coroa de flores com os dizeres “Saudades universidade pública” e de uma espécie de elegia incentivando as pessoas presentes a prestarem suas homenagens e velarem pela universidade pública, adentrasse o espaço cênico do Teatro Reynuncio Lima durante o Ato UNESP em Chamas? A pergunta permaneceu em aberto no início, durante e após o término do evento, diante da impossibilidade de levarmos a cabo a aula performática, devido a uma série de fatores relativos ao grande esforço despendido na organização de um ato deste

porte, os quais não cabe pormenorizar aqui. Assim, se concordarmos que o velório permaneceu velado nos bastidores do teatro, talvez possamos co-imaginar, aqui e agora, uma possível metáfora que, de certa forma, desvela o que ainda é, em alguma medida, despercebido em relação à instituição universitária; isto é, tudo o que, em maior ou menor grau, distancia-se do modelo de sujeito universal aludido anteriormente, especialmente daquilo que é reproduzido a partir das suas condições lógico-gramaticais, mesmo quando se trata de um instituto de artes. Daí deriva nossa dificuldade em imaginarmos a organização de um ato onde a ação política não esteja, necessariamente, enquadrada nos limites do discurso lógico-verbal, a exemplo do que ocorre nas práticas discursivas da palestra, da conferência, da pregação, ou mesmo, dos chamados Talk Shows que o próprio Ato procurou emular.

Ainda ao nos questionarmos acerca daquilo que acontece quando uma aula performática não acontece, tomamos a iniciativa de escrever uma carta, endereçada à organização do Ato, como uma forma de dar continuidade aos diálogos que permeavam os Mutyrões de Imagem Performativa, Política e Pedagógica. Embora não tenhamos recebido uma resposta oficial da organização do Ato, tal carta foi respondida de modo atencioso, delicado e generoso por meio de iniciativas individuais de alguns organizadores, através de mensagens e ligações telefônicas feitas aos signatários da referida carta, sobretudo no que diz respeito aos integrantes do Coletivo Parabelo. Dessa forma, a partir de um certo exercício de co-imaginação, passamos a admitir a hipótese de que essa troca de correspondências pode ser lida como aquilo que aconteceu quando a aula performática não aconteceu. Desde então, passamos a compreender tais correspondências como uma das ações performáticas, políticas e pedagógicas realizadas no e pelo Mutyrão.

À guisa de conclusão, ao retomarmos a etimologia da palavra correspondência, verificamos que esta provém do latim *correspondere*, e que somente no final do século XVII começou a ser empregada para denotar a prática de comunicar-se através da troca de cartas. O termo *correspondere* é formado pelas palavras em latim “co” e “responder”, que podem ser traduzidas para o português como «junto» e «responder»; daí que, até a referida época, o vocábulo significava estar em harmonia com, em concordância com. Contudo, a partir dessa breve incursão etimológica, podemos concluir que ao sermos impossibilitadas/es/os de colocar a pergunta “Quem vai velar pela universidade pública?” na e pela realização da aula performática durante o IV Ato IA/UNESP em Chamas, a subsequente correspondência entre o Mutyrão e parte da organização do Ato parece murmurar algo que, talvez, valha a pena tentarmos tornar audível aqui: o compromisso em permanecermos juntas/es/os, respondendo em defesa da universidade pública, gratuita e de qualidade, apesar de tudo.

## Referências

- ANDRÉ, Carminda. Intervenção urbana como tática pedagógica: encontro com foliões. In: IX Congresso da ABRACE, nov. 2016, Uberlândia, p. 3284-3308. Disponível em: <https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/1783>. Acesso em: 19 mar. 2021.
- BAITELLO JR., Norval. O pensamento sentado: sobre glúteos, cadeiras e imagens. Porto Alegre: Editora Unisinos, 2012.
- BISHOP, Claire. Artificial hells: participatory art and the politics of spectatorship. New York: Verso, 2012.
- BURGER, Peter. Teoria da Vanguarda. Trad. José Pedro Antunes, São Paulo: Cosac & Naify, 2012.
- CARVALHO, Alexandre F. de; GALLO, Silvio D. de O. Defender a escola do dispositivo pedagógico: o lugar do experimentum scholae na busca de outro equipamento coletivo. ETD - Educação Temática Digital, vol. 19, n. 4, 2017, p. 622-641. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/etd.v19i4.8648756>. Acesso em: 19 mar. 2021.
- CRUNTEANU, Larissa. The power of 'Co' - in Contemporary Dance. Revista Arta, Romênia, Interview with André Lepecki, 16 jan. 2016. Disponível em: <https://revistaarta.ro/en/the-power-of-co-in-contemporary-dance/>. Acesso em: 19 mar. 2021.
- DUSSEL, Inés. Cuando las apariencias no engañan: una historia comparada de los uniformes escolares en Argentina y Estados Unidos (Siglos XIX-XX). Pro-posições, v. 16, n.1, jan./abr., 2005, p. 65-86. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643755>. Acesso em: 19 mar. 2021.
- FABIÃO, Eleonora. Performance e teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea. Sala Preta, Revista de Artes Cênicas, nº 8. São Paulo: Departamento de Artes Cênicas, ECA/USP, 2008, p. 235-246. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57373>. Acesso em: 19 mar. 2021.
- GOMEZ-PEÑA, Guillermo. Trabalhos úteis para artistas utópicos (Da série Ativismos Imaginários). In: PAIS, Ana (org.). Performance na esfera pública. Lisboa: Orfeu Negro. 2017, p. 211-216.
- HOFF, Mônica. Por uma pedagogia a pé: a caminhada como construção poética. Monografia (Especialização em Pedagogia da Arte) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: UFRGS, 2008.
- HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Trad. Marcelo Brandão Cipolla, São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- JACQUES, Paola Berenstein. Elogio aos errantes. Salvador: EDUFBA, 2012.

LUGONES, María. Tactical Strategies of the streetwalker/ Estrategias tácticas de la callejera. In: \_\_\_\_\_. Pilgrimages/ Peregrinajes: Theorizing coalition against multiple oppressions. Lanham, Maryland: Rowman & Littlefield Publishers, 2003, pp. 207-237.

MARQUES, Diego Alves. Virada pedagógica: o Coletivo Parabelo e a revolta da carne do assento. Revista Rascunhos, Uberlândia v.4 n.1, jan./jun.2017, pp.118-132. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/rascunhos/article/view/36655>. Acesso em: 19 mar. 2021.

MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Trad. Renata Santini, São Paulo: n-1 edições, 2018.

PIGNATARI, Décio. Contracomunicação. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

PODESVA, Kristina Lee. A Pedagogical Turn: Brief Notes on Education as Art. *Fillip*, 6, Vol. 2, N. 3, Summer 2007. Disponível em: <https://fillip.ca/content/a-pedagogical-turn>. Acesso em: 25 mar. 2021.

RACHEL, Denise Pereira. Adote o artista não deixe ele virar professor: reflexões em torno do híbrido professor performer. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/126210>. Acesso em: 19 mar. 2021.

RACHEL, Denise Pereira. Escrever é uma maneira de sangrar: estilhaços, sombras, fardos e espasmos autoetnográficos de uma professora performer. Tese (Doutorado em Arte) - Universidade Estadual Paulista, São Paulo: UNESP, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/182305>. Acesso em: 19 mar. 2021.

RANCIÈRE, Jacques. O mestre ignorante: cinco lições sobre emancipação intelectual. Trad, Lílian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SANTOS, Boaventura de Souza. O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.

Submetido em: 26/03/2021.

Aceito em: 12/05/2021.